

# Parto

A escuridão noturna tece suas teias maculadas sobre todo o ambiente, inundando e afogando em meio às trevas quaisquer chances que os raios de luz da lua pudessem ter de trespassar pela janela, porém, em uma fração de segundos, um brilho amarelado incendeia o banheiro de azulejos azul-puro, ao meu redor, com um ruído sibilante da lâmpada que estremece junto ao teto branco marcado por manchas de mofo e umidade. Os fios metálicos contidos na esfera de vidro parecem zunir em descontrole durante instantes, eles param e, então, retomam seu barulho enquanto a luz estremece, piscando sobre a face da mulher à minha frente.

Seus longos e ralos cabelos pretos, emaranhados e úmidos de suor frio, se espalham pelos lados de sua cabeça até a metade de sua camisa velha, cor de vinho, que se enrosca através das partes rechonchudas de seu corpo, apertando-as até o ponto em que as linhas brancas de costura de sua roupa se desfizeram dos lados, deixando à mostra parte de sua pele enrugada, pálida e mal cuidada enquanto sua calça cinza de moletom está levantada para cima em uma tentativa frustrada de cobrir a grande e protuberante barriga que possui. Seu rosto magro exhibe feições cadavéricas de alguém cuja vaidade perdera há incontáveis anos, seus olhos são afundados em meio às pálpebras arroxeadas de noites mal dormidas, suas bochechas estão contraídas para dentro, seus lábios são finos, mórbidos e ressecados com diversas rachaduras aparentes. As maçãs de seu rosto somente tomam forma e cor devido ao frio gélido, que a acanhou na cama pelas últimas dezenas de minutos, e aos ossos de seu crânio, que formam os traços marcantes de uma pessoa que morreu e se deteriorou com o tempo, de dentro para fora, em uma degradação repulsiva e pestilenta. Em seu ventre, a mulher abatida de cabelos negros e olhar exausto carrega, por mais que tente esconder através de roupas maltrapilhas e da falta de dignidade evidente, a própria consumação do pecado e a verminosa procriação pagã de um parasita que corroeu, aos poucos, seus relacionamentos, saúde, felicidade, beleza e tudo o que mais fosse possível tirar-lhe.

Com um grito de dor, medo e raiva, lanço-me sobre a figura feminina à minha frente, com o punho cerrado em sua direção, de encontro ao maldito fruto de teu ventre. A luz se apaga e, após instantes, um estampido estridente e estilhaçante de vidro reverbera entre as paredes do banheiro, seguido de um silêncio mórbido e um gotejar viscoso. A lâmpada se acende, novamente, com um ruído sibilante depois de alguns minutos e seu resplendor amarelado, agora, ilumina todo o banheiro onde apenas um choro trêmulo e fraco pode-se ser ouvido. Ao chão, sob o brilho amarelado, dezenas de cacos de um espelho quebrado refletem a luz contra os azulejos azuis enquanto gotas, avermelhadas, aparecerem salpicadas sobre eles e ao longo de todo o piso. No centro do banheiro, um rastro de sangue se estende até uma das paredes, oposta à porta, onde o corpo esquelético de uma velha mulher se encontra deitada enquanto lágrimas escorrem de seu rosto até o ralo, no qual o pútrido líquido amalgamado de sangue, lágrimas e uma água fétida borbulharão em maldições ecoantes pelos canos subterrâneos. Em seus braços, unidos pelo toque forte e materno, a mãe segura nos braços, imbuído em teu próprio sangue, teu fruto, atrofico e subdesenvolvido, ao mesmo tempo em que um rio avermelhado escorre pelas bordas abertas de seu útero, ainda contendo diversos fragmentos cristalizados do espelho reluzente.

Naquele momento, ela sentia-se misericordiosamente absolvida em um brilho dourado divino e, com a respiração pesada e os batimentos já fracos, gozava de encontro aos anjos e suas ruidosas trombetas sibilantes. Por fim, apertou o feto de encontro ao peito com mais força e, com um sorriso fraco, tudo se esvaiu.